



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
ESPECIALIZAÇÃO EM LOGOTERAPIA E SAÚDE DA FAMÍLIA

LINDALBERTO ANTONIO ARAÚJO LEAL

**SENTIDO DO HUMOR E MODERNIDADE: ENTRE A LIBERDADE E A
IRRESPONSABILIDADE DO USO DOS MEMES NAS RELAÇÕES VIRTUAIS.**

CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO DE 2020

LINDALBERTO ANTÔNIO ARAÚJO LEAL

**SENTIDO DO HUMOR E MODERNIDADE: ENTRE A LIBERDADE E A
IRRESPONSABILIDADE DO USO DOS MEMES NAS RELAÇÕES VIRTUAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família

Área de Concentração: Sociedade e Desafios do Mundo Contemporâneo

Orientador: Edmundo de Oliveira Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE – PB

DEZEMBRO 2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L435s Leal, Lindalberto Antonio Araújo.
Sentido do humor e modernidade [manuscrito] : entre a liberdade e a irresponsabilidade do uso dos memes nas relações virtuais / Lindalberto Antonio Araújo Leal. - 2020.
26 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Logoterapia e Saúde da Família) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio , Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Logoterapia. 2. Sentido do humor. 3. Modernidade. 4. Meme. I. Título
21. ed. CDD 616.891 6

LINDALBERTO ANTONIO ARAÚJO LEAL

**SENTIDO DO HUMOR E MODERNIDADE: ENTRE A LIBERDADE E A
IRRESPONSABILIDADE DO USO DOS MEMES NAS RELAÇÕES VIRTUAIS.**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família

Área de Concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica

Linha de pesquisa: Promoção da Saúde e Qualidade de Vida

Aprovado em: 11/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me Hallyson Alves Bezerra
UFCG



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos
UEPB



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio
UFCG

Ao meu primo e estimado amigo Cícero (in memoriam) cujo bom humor e alegria nunca esquecerei, DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre ter me dado força e sempre ter colocado pessoas incríveis em meu caminho.

Agradeço também aos meus pais por sempre serem exemplo e terem me dado tanto apoio ao longo desse curso, sou imensamente grato por cada sacrifício de vocês.

Agradeço aos meus irmãos e irmãs e todos da minha família que me auxiliaram em tudo que precisei ao longo do curso, não sei se conseguiria sem vocês

Agradeço aos meus amigos e antigos colegas da graduação que mesmo distantes sempre foram presentes e estiveram comigo, espero que brevemente possamos nos voltar a reunir e partilhar outros bons momentos juntos.

Agradeço aos meus estimados amigos e também colegas da turma por termos compartilhados tantos bons momentos ao longo do curso, em especial a Priscila, Amanda, Katarina e Luiza, por sempre serem tão prestativas só tenho a agradecer a vocês.

Agradeço ao Professor Gilvan e ao secretário Raiff, por serem sempre tão dedicados e terem se empenhado tanto na coordenação fazendo sempre o melhor possível apesar das limitações que tivemos na reta final do curso.

Agradeço a todo corpo docente, em especial ao professor Edmundo, por toda sabedoria, confiança, motivação e disponibilidade que tornaram possível o desenvolvimento desse trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos demais professores Hallyson e novamente ao professor Gilvan por aceitarem contribuir com esse trabalho. Muito grato!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E PRINCIPAIS TEORIAS SOBRE HUMOR.....	7
3. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LOGOTERAPIA E O SENTIDO DO HUMOR	13
4. MEMES, CULTURA E RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS.....	15
5. ENTRE O SENTIDO E A IRRESPONSABILIDADE DO HUMOR	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
7. REFERÊNCIAS	24

SENTIDO DO HUMOR E MODERNIDADE: ENTRE A LIBERDADE E A IRRESPONSABILIDADE NAS RELAÇÕES VIRTUAIS. O CASO DOS “MEMES”.

SENSE OF HUMOR AND MODERNITY: BETWEEN FREEDOM AND IRRESPONSIBILITY IN VIRTUAL RELATIONS. THE CASE OF “MEMES

Lindalberto Antonio Araújo Leal*

RESUMO

O presente ensaio visa compreender os desdobramentos do humor moderno a partir do conceito de sentido no humor advindo da logoterapia de Frankl (2011; 2016). Para esse autor, o humor se mostraria uma atitude perante a vida que permite que o homem crie distanciamento de qualquer condicionante, inclusive trágico, que lhe seja imposto, ocorrendo, na vivência da comicidade, uma importante manifestação da sua pessoal espiritual. O cômico, fenômeno eminentemente cultural, condicionado pelo contexto histórico e movido pelo desejo de ironia e sátira, apresenta-se, porém, na modernidade, destituído desse caráter de crítica social, tal como apontam Bauman (2008), Hall (2006) e Frankl (2016: 2017). Tendo isso em vista, Lipovestky (2005) infere que a função social do humor não mais é vinculada à forma com a qual historicamente fora utilizado, tendo assumido um caráter neoniilista no qual um profundo estado de indiferença faz com que o humor se direcione a tudo e a todos de forma a reiterar concepções de mundo que perdem de vista o caráter transcendente da consciência, ao promover um fechamento em torno das próprias visões de mundo e tornando o impacto do humor no encontro existencial permeado por ideologias.

Palavras-Chave: Logoterapia. Sentido do Humor. Modernidade. Meme.

ABSTRACT

The present essay aims to understand the unfolding of modern humor from the concept of sense of humor arising from Frankl's logotherapy (2011; 2016). For this author, humor would show an attitude towards life that allows man to create distance from any condition, including tragic, that is imposed on him, occurring, in the experience of comicality, an important manifestation of his spiritual person. The comic, an eminently cultural phenomenon, conditioned by the historical context and driven by the desire for irony and satire, presents itself, however, in modernity, devoid of this character of social criticism, as pointed out by Bauman (2008), Hall (2006) and Frankl (2016: 2017). With that in mind, Lipovestky (2005) infers that the social function of humor is no longer linked to the way in which it was historically used, having assumed a neonilistic character in which a profound state of indifference makes humor address everything and everyone in order to reiterate conceptions of world that lose sight of the transcendent character of consciousness, by promoting a closure around the worldviews themselves and making the impact of humor in the existential encounter permeated by ideologies.

Keywords: Logotherapy. Sense of Humor. Modernity. Meme.

* Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

1. INTRODUÇÃO

O humor e, por extensão, o riso e o cômico, estão presentes em todas as culturas, investidos de funções sociais, culturais, cognitivas e emocionais, contemplando, em suas diferentes formas de expressão, os mais diversos aspectos do psiquismo humano: rimos por alegria, mas rimos também do medo – notadamente do medo da morte.

Mas afinal o que é o humor? A resposta dependerá do referencial teórico utilizado, bem como do intuito de quem pergunta, isso porque o humor, enquanto fenômeno humano, mostra-se algo tão complexo e abrangente que a temática acaba perpassando as mais diferentes áreas do conhecimento. Seja no campo da Antropologia, da Biologia, da História, da Linguística, da Psicologia ou das Neurociências, cada uma dessas áreas se utilizando dos próprios métodos, analisa o humor de acordo com os aspectos que considera mais relevantes para seu próprio campo do saber. Essa característica polissêmica do humor torna a sua análise tão complexa quanto compreender os indivíduos que a produzem, vez que o Ser, filosoficamente falando, ainda se mostra tão polêmico quanto o era na época de Parmênides. Nesse sentido, Saliba (2017) aponta autores que defendem a ideia de que o fenômeno do humor é tão complexo que a sua apreensão através de uma única teoria, seria tarefa impossível. Por outro lado, abordar a referida temática através de uma única perspectiva implica no risco da parcialidade, uma vez necessário negligenciar inúmeros aspectos em proveito de apenas um, com isso ocultando-se a amplitude do assunto.

Face a isso, o intuito deste artigo é propor uma análise do fenômeno do riso e do risível a partir de um único referencial, a saber, o sentido do humor no âmbito da Logoterapia, a qual se constitui como uma abordagem filosófica, psicológica e antropológica do ser humano, fundada pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl (1905-1997). Ao longo deste artigo, utilizaremos a Logoterapia objetivando discutir uma das principais manifestações humorísticas modernas: os *memes*, forma de provocação do riso tão característica da internet.

2. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E PRINCIPAIS TEORIAS SOBRE HUMOR

O termo *humor*, de acordo com Jerônimo (2015), até o século XVIII não seria utilizado para se referir a algo cômico, remontando, a sua origem, à expressão *humores*, um termo utilizado no linguajar médico grego para denotar o conjunto dos fluidos corporais,

representados pelo sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, sendo o vocábulo posteriormente designativo de um estado de temperamento definido pelo equilíbrio desses fluidos.

Embora o vocábulo humor soe como algo absolutamente compreensível no que deseja referir, conceituá-lo em termos objetivos é tarefa difícil, dada a referida complexidade e amplitude do termo. No entanto, ao longo da história do Ocidente, alguns autores empreenderam a construção de teorias sobre o fenômeno. Na visão de Perlmutter (2000), tais formulações teóricas poderiam ser distribuídas em três grupos: a teoria da superioridade, a teoria do alívio e a teoria da incongruência, contrariando Saliba (2017, p. 13), o qual afirma que tais concepções “são extremamente parciais e se referem mais aos procedimentos ou técnicas para produção do riso do que mais propriamente ao universo mais vasto do humor”. Em todo caso, acreditamos que, ainda assim, elas fornecem um importante ponto de partida para que possamos compreender a origem do humor, daquilo que faz as pessoas rirem e da sua função social. Neste escrito, pretendemos correlacioná-las com o contexto histórico, no intuito de percorrer um caminho que nos auxiliará a compreender como o humor se apresenta na modernidade.

Minois (2003) pontua que, na Grécia antiga, o riso era concebido como uma expressão divina, somente os deuses sendo verdadeiramente alegres, pois a alegria humana nunca seria plena, por causa da certeza humana da morte. Porque os deuses eram imortais, apenas o seu riso seria inextinguível. Segundo os mitos gregos, o riso dos deuses não possuía quaisquer decoros, irrompendo por temas relativos à violência ou a sexualidade de forma não comedida. O autor enfatiza também um papel social importante do riso em meio às celebrações gregas, através de práticas como a inversão de papéis sociais (homens que se vestiam de mulheres, senhores que trocavam de papéis com seus escravos), durante comemorações marcadas pelo uso de máscaras, zombarias, risos e transgressão de normas. A festa dionisiaca, por exemplo, sempre terminava por um *kômos*, uma espécie de procissão na qual os participantes, em sua maioria bêbados, cantavam, riam, zombavam e agrediam verbalmente as pessoas, daí derivando, etimologicamente, a palavra *comédia*. Tais festas funcionavam como uma representação ordenada do caos original, nas quais o riso se tornava um meio de contatar o divino e, partindo do caos – o desrespeito momentâneo dos comportamentos a serem cotidianamente praticados – , reestabelecer o cosmos, o retorno à ordem social prescrita, quando do fim dos festejos.

Nesse contexto, surgem as primeiras inferências sobre uma *teoria da superioridade*, exposta na obra de Platão e Aristóteles. Esses filósofos defendiam um humor mais comedido, distante do humor obsceno das celebrações gregas. Platão (2018), n’A República, refere não

ser apropriado aos guardiães² serem predispostos ao riso, muito menos que devessem ser encorajados a isso. Além disso, Geier (2011) pontua que Platão também afasta o riso do âmbito filosófico, ao considera-lo incompatível com o rigor do pensamento necessário para alcançar o saber, uma vez que o riso seria uma manifestação do mundo sensível e, portanto, algo capaz de distanciar o filósofo do mundo das ideias que ele deveria buscar. Aristóteles (1991) encarava o riso como uma manifestação humana, já que, segundo ele, o homem seria o único animal que ri. Contudo o homem deveria cultivar o justo meio da prática, a fim de alcançar o estado de virtude, já que o riso desmedido era tido como uma atitude típica dos bufões. Tais noções trazem à tona a teoria da superioridade, a qual propõe conceber o riso como uma espécie de desrespeito e agressão, manifestos em atitudes pouco virtuosas de um indivíduo ao se enxergarem em superioridade em relação a outros.

Essa práxis do humor que era voltada para a ordem social, de acordo com Minois (2003), adquirirá, na obra do dramaturgo grego Aristófanes (447/385 a. C), um uso mais subversivo, mesmo mantendo a conotação agressiva herdada dos *kômos*. Para Aristófanes, nada estava ou deveria estar isento de ser ridicularizado e, conseqüentemente, questionado, fossem os líderes gregos, os filósofos e até mesmo os deuses. Sua obra, repleta de críticas aos dogmatismos vigentes, incitou diversas censuras, levando o cômico a ser entendido como um opositor da ordem vigente, já que a imagem pessoal dos líderes era um aspecto importante do seu exercício de poder, o que levou tais lideranças a pressionar a comédia, no sentido de fazê-la voltar-se para outras temáticas, mais particulares e ligadas ao ambiente doméstico e às relações sentimentais, conjugais e familiares, tendo no dramaturgo grego Menandro (342/292 a. C) o principal representante dessa nova forma de fazer comédia.

Com a expansão do cristianismo e sob a influência da Igreja Católica, na Idade Média, o riso se manteve afastado dos cultos religiosos e de quaisquer eventos relacionados à etiqueta social. De acordo com Minois (2003), para a interpretação cristã, o riso não era divino, mas algo que se insinuaria no mundo através da imperfeição humana. O riso seria fruto do pecado original, do rompimento com a perfeição do projeto do Criador e aspecto decadente de criaturas que não coincidiam com sua real essência, já que seria o homem feito à imagem e semelhança do Divino. Porém, tentando se livrar do riso, a Igreja acaba submetendo-se àquele, sob a influência dos escritos de autores gregos, como Aristóteles, que não condenava diretamente a prática – assim como o uso acadêmico de textos filosóficos a fim de explicar e validar a essência

² Os membros da pólis escolhidos dentre aqueles pertencentes a categorias de guerreiro e que teriam a função de guardar a cidade.

divina, característica da produção filosófica do período medieval, ajudaram a traçar aspectos positivos sobre o riso em meio à prática considerada profana.

Além disso, mesmo utilizando os mais variados mecanismos e regras monásticas para conter o riso, a Igreja percebe, quanto a isso, inúmeras resistências no cotidiano das pessoas, como manifesto nas festas pagãs e suas danças, bebidas e comidas, as quais, tal como na Grécia clássica, ainda mantinham o entretenimento em voga e, não podendo contê-las, a Igreja as incorpora. Bakhtin (1987) infere que o riso, mesmo distante, oficialmente, das normas prescritas, ainda era permitido em praça pública, tanto que posteriormente festas pagãs foram propositalmente realizadas em paralelo às celebrações cristãs, no intuito de facilitar a catequização dos homens, pois, após os excessos, os “homens retornariam com duplicado zelo ao serviço do senhor”³. Comemorações como a *festa dos loucos*, na qual toda espécie de comportamento era permitida, ou na *missa do asno*, na qual representava-se a fuga de Maria, José e Jesus para o Egito: nessa “missa” os fiéis zurravam durante partes da cerimônia, fazendo com que o sagrado e o profano coexistissem. Bakhtin (1987) afirma, ainda, que as celebrações desempenhavam um importante papel na vida do homem medieval, ocupando até três meses no ano⁴, de modo que “o carnaval era triunfo de uma espécie de liberação temporária da liberdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus”⁵, sendo uma segunda vida, na qual os temores e anseios de homens e mulheres medievais eram reinterpretados numa versão não oficial do mundo.

Ao longo da Alta Média e início da Idade Moderna, essas limitações foram sendo diluídas e levando o cômico para além das festas públicas, principalmente graças à literatura que, com o rompimento dos tabus e regras vigentes que o humor propiciava e o consequente uso de um vocabulário grosseiro, foi ganhando mais proeminência. Seu ápice ocorre na obra do escritor francês François Rabelais (1494 -1553) que, ao viajar pelo interior da França e se expor à cultura popular, cria uma obra repleta de críticas satíricas à sociedade da época, tendo reis, gigantes, glutões, comilões e beberrões como personagens principais, criando uma forma literária completamente nova para denunciar os principais problemas de sua época.

O apogeu do riso perdura até século XVI, pois segundo Bakhtin (1987), nos séculos seguintes, com o desenvolvimento do estado absolutista, no século XVII, e com o movimento iluminista, no século XVIII, o riso passará a ocupar outro espaço, pautado numa tradição racionalista que separa o riso entre vertentes mais educadas e grosseiras.

³ Ibid. 65

⁴ Ibid. 11

⁵ Ibid. 8

Em meio a isso, o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), na sua obra “Leviatã”, estabelece que a sociedade é um conjunto de indivíduos em contínuo processo de comparação. Hobbes (1983, p. 36) define o riso como algo que “é provocado ou por um ato repentino de nós mesmos que nos diverte, ou pela visão de alguma coisa deformada em outra pessoa, devido à comparação com a qual subitamente nos aplaudimos a nós mesmos”, numa perspectiva que poderia ser considerada um desdobramento da visão de superioridade que havia em Platão.

A valorização do pensamento e o conseqüente questionamento dos dogmatismos, do absolutismo e da filosofia cristã durante o século XVIII, impõem que o humor adquira, em sua função de crítica social, adquira um tom satírico, fato a que se aplica a *teoria da incongruência*. De acordo com Saliba (2017), ela explica o humor através da associação inesperada entre ideias e situações que geralmente não estariam juntas, havendo uma quebra de expectativa relativa ao que seria esperado. O humor, para tal teoria, deriva da percepção da incongruência de tal relação. Sua origem pode ser traçada a partir da interpretação que alguns filósofos fizeram acerca da dualidade entre a percepção e a representação do mundo, perante a qual, mesmo que o humor, em si, não fosse o objetivo nos escritos, ele acaba sendo direta ou indiretamente referenciado. Os maiores expoentes desse pensamento são o filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804) e o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860).

Kant (2016 p. 230) postula que “o riso é um afeto ocasionado pela súbita transformação de uma forte expectativa em nada”. Ou seja, o humor seria uma reação diante de uma expectativa frustrada de uma determinada narrativa, não devendo o desfecho se mostrar um contrário positivo do que era esperado, pois isso seria tornar o desfecho em algo, e não de torná-lo em nada. Dessa maneira, Kant atribui ao humor a capacidade de enganar por um instante, até que a ilusão se torne nada, levando a razão a retroceder para tentar encontrá-la novamente – o que faz a mente oscilar num estado de tensão e distensão.

Schopenhauer (2005, p. 170), por sua vez, afirma que “o riso se origina sempre e sem exceção da incongruência subitamente percebida entre um conceito e os objetos reais que foram por ele pensados em algum tipo de relação, sendo o riso ele mesmo exatamente a expressão de semelhante incongruência”. Essa relação surge a partir da interpretação entre dois ou mais objetos reais que são pensados por um mesmo conceito, no qual uma identidade em comum seria transmitida aos objetos, porém as diferenças de outros aspectos entre esses mesmos objetos evidenciarão o caráter incongruente da relação. Tanto Kant quanto Schopenhauer interpretam o humor a partir de uma percepção racional, ao encontrar uma resposta inusitada ao que seria esperado.

Além deles e mais adiante, encontramos o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) que apresenta um conceito mais difuso, o qual poderia ser alocado como uma teoria situada entre a superioridade e a incongruência. Bergson (1983) percebe o humor como aquilo que envolve uma incongruência entre a inteligência humana e um comportamento esperado, porém o autor também enxergaria no humor algo essencialmente social, já que, além dele necessitar de contexto social para ser efetivado, poderia demarcar uma aplicação do riso como instrumento de controle e punição sobre indivíduos que apresentam comportamentos desviantes às normas sociais, sendo usado para ridicularizá-los, trazendo à tona também um aspecto de superioridade da parte de quem ri.

A *teoria do alívio*, por seu turno, surgiu a partir de uma das primeiras obras do neurologista vienense e fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, em uma obra publicada originalmente em 1905 chamada “O chiste e sua relação com o inconsciente”, na qual ele caracteriza o riso como a liberação de uma tensão psíquica, originada pela reelaboração de uma situação de conflito ou uma reinterpretação verbal de uma circunstância objetiva, graças a qual, momentaneamente, são liberados impulsos vinculados a temáticas reprimidas, como a morte e o sexo, através de um relaxamento dos mecanismos de defesa do inconsciente (FREUD, 2017). Nesse sentido, o humor pode ser compreendido como uma forma de escapismo, frente às normas sociais e culturais, por proporcionar alívio psicológico, diante de certos tipos de restrições que poderiam gerar constrangimento – sobretudo considerando-se o contexto repressivo existente em plena sociedade vitoriana, isso nos parece ser plenamente justificado. Não há tentativa de exercer superioridade, mas, sim uma descarga de tensão, que surge espontaneamente através do riso.

Grunner (1997) retoma essas interpretações para as causas do humor, ao apontar três aspectos a ele necessários: primeiramente, todas as circunstâncias cômicas requerem uma relação entre um vencedor e um derrotado; segundo, a situação cômica é aquela que apresenta incongruências; e, por fim, ela exige um elemento surpresa. Dessa forma o autor pontua uma espécie de competição entre indivíduos no *locus social*, no qual a compreensão de qualquer peça humorística estaria ligada a localizar quem está sendo ridicularizado, como e o porquê. Doutra forma, o riso é referido, por Martin (2007), como algo natural ao ser humano, pois não seria algo aprendido, uma vez que, assinala o autor, o riso também está presente em crianças cegas ou surdas de nascença, sendo então uma disposição inata e um importante instrumento de socialização, já que rimos muito mais facilmente quando estamos com outras pessoas do que quando estamos sozinhos, embora a ideia de estar realmente sozinho não faça sentido na modernidade.

3. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LOGOTERAPIA E O SENTIDO DO HUMOR

O conceito de humor, no âmbito da Psicologia e da Psiquiatria, origina-se da ideia dos humores corporais, como referido, relacionando-se diretamente à ideia de temperamento, bastando considerar expressões como “mau humor”, isso indicando indisposição ou predisposição contrária. Nesse aspecto, Dalgalarro (2019) define o humor enquanto uma disposição afetiva ou estado emocional com o qual um indivíduo se encontra num dado momento. Assim sendo, o humor é circunscrito como estado mental e caracterizado como algo transitório e diretamente relacionado a variáveis psicológicas, fisiológicas ou ambientais. Dentro do saber psicológico, pode vir a desempenhar um importante papel na relação terapeuta-paciente, definida por Frankl (2016) como a junção do indivíduo único e irrepetível do terapeuta com a pessoa única e irrepetível do paciente, onde o humor seria um intermediário para o desenvolvimento do processo terapêutico.

É nesses termos que a Logoterapia, um modelo psicoterápico de caráter fenomenológico existencial e forma de compreensão humanística do Ser, pode vir a se mostrar como um parâmetro de análise do campo fenomênico do humor contemporâneo, já que a própria origem dessa escola de pensamento remonta a uma tentativa de responder à profusão de concepções niilistas e reducionistas de enxergar o homem que surgiram a partir do século XX, em meio a todo um contexto histórico e cultural que associamos à ideia de modernidade. Essas concepções ainda influenciam o autointitulado homem moderno e, nisso, o humor, como algo propriamente humano, também se situa permeado por esses vieses.

Segundo Frankl (2016, p. 81), “a logoterapia esforça-se especialmente por trazer o homem à consciência de ser responsável, enquanto fundamento essencial da existência humana”. Paralelo a esse entendimento de responsabilidade, Frankl traz a isso um segundo conceito, a ideia de *liberdade*, uma vez que, segundo o autor, “O existir humano é ser-responsável, porque é ser-livre”⁶, sendo que esses dois aspectos estabelecem as bases daquilo que o autor chama de *dimensão espiritual*, enquanto dimensão puramente humana, que incluiria em seu espectro outros aspectos como a dimensão biológica e a dimensão psíquica⁷. A ideia de responsabilidade, tal qual a ideia de liberdade, no entanto, exige, *a priori*, manifestação de algo

⁶ Ibid. pág. 159

⁷ Ibid, pág. 70

anterior, algo sobre o qual o homem deve ser responsável, algo sobre o qual o ser humano deve ser livre, tal noção vinculando-se à ideia do *sentido de vida*, que se desvela ao homem enquanto algo a ser preenchido, que tensiona e intenciona o indivíduo em busca de algo além de si, isso evidenciando o caráter também transcendente da existência.

Frankl (2011) infere que a existência humana só se configura como algo autêntico, à medida e na medida que é vivida de forma autotranscendente, sendo o conceito de *autotranscedência* um dos aspectos básicos da Antropologia Logoterápica. A autotranscedência caracteriza a existência humana como um contínuo processo no qual o homem transita sua vida entre a realidade e os ideais a serem materializados, esses ideais sendo aquilo que o autor chama de *valores*, denominados por Frankl (2017) como *universais de sentido*.

Os valores, para a Logoterapia, são divididos em três categorias: *valores criativos*, *vivenciais* e *atitudinais*. Os valores criativos seriam aqueles nos quais o homem dá algo de si ao mundo, conceito vinculado à noção de sentido do trabalho da logoterapia, já que este pode ser um meio de expressão da nossa unicidade em relação ao meio social. Os valores vivenciais trazem consigo a ideia de receber algo do mundo, expressa através do sentido do amor, no qual uma relação entre dois sujeitos lhes permitiria vivenciar, simultaneamente, o caráter de algo único e irrepetível do cada um. Os valores atitudinais correspondem a uma resposta possível diante de um destino, expresso pela Logoterapia como aquilo que não podemos mudar. Esses valores são manifestados a partir da ótica do *sentido no sofrimento* (FRANKL, 2016, 2017)

No que se refere ao humor, Pintos (2009, p. 172) pontua que o “sentido do humor é uma atitude a partir da qual respondemos à vida, ante seus desafios, circunstâncias difíceis ou cotidianas”. Tal acepção não somente ressalta o sentido do humor como estado de ânimo, como vai além, atribuindo-lhe uma função existencial com a qual o sujeito pode vir a se posicionar perante a vida de forma positiva. A noção de sentido do humor aqui empregada, embora pareça conter um significado distinto de uma simples expressão cômica, pode ser interpretada através da comicidade como uma manifestação da pessoa espiritual, sendo, portanto, uma via possível da expressão do sentido da vida.

Tal elaboração se clarifica quando consideramos algo que, ao lado da autotranscedência, caracteriza-se como um segundo aspecto da visão antropológica da Logoterapia, a *capacidade de autodistanciamento*, definida por Ortiz (2013, p. 111) como a “capacidade especificamente humana de tomar distância de si mesmo, de monitorar e controlar seus próprios processos emotivo-cognitivos”. A capacidade de distanciar-se de si mesmo revela um aspecto importante da resiliência humana, no qual, mesmo na presença de condicionantes, é sempre possível ao ser humano tomar decisões quanto ao mundo, a partir de uma escolha que faz em relação a si

mesmo. Tendo isso em vista, no que se refere ao humor, o próprio Frankl (2011, p. 135) aponta a capacidade humana de rir, apesar do sofrimento, no qual “o humor permite ao homem criar uma perspectiva, impor uma distância entre si mesmo e o que quer que o confronte”, sendo isso um importante substrato daquilo que Frankl define como a *intenção paradoxal* que é uma das principais técnicas da logoterapia, enquanto escola psicoterapêutica.

Porém o humor e o cômico, como vimos anteriormente, estão sujeitos aos seus próprios condicionantes, já que seu uso, percepção e suas manifestações sempre são diretamente influenciados pelo *zeitgeist* de uma época. No caso da era pós-moderna, Lipovetsky (2005 p. 58) caracteriza o espírito destes tempos que correm como “uma sociedade que se quer *cool* e *fun*, em que os meios de comunicação difundem modelos descontraídos, heróis cheios de humor e em que se levar a sério é falta de correção”. O humor contemporâneo apresenta então um papel controverso e distante da atitude subversiva e crítica que teve historicamente, permeando a publicidade, a política, a arte e a mídia em geral, encontrando um campo fértil principalmente na internet, onde, além de desenvolver uma linguagem própria, desenrola-se em meio a uma derrisão generalizada frente ao esfacelamento das narrativas que caracterizam a era pós-moderna.

4. MEMES, CULTURA E RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

A era contemporânea, com todas as suas nuances, tem-se mostrado um período ambíguo e complexo, levando diferentes autores a trazerem à tona novas interpretações e discussões acerca do recorte histórico no qual estamos inseridos. Essas abordagens podem ser encaradas como uma tentativa de caracterizar e compreender as profundas mudanças ocorridas nos últimos dois séculos que reestruturaram completamente a forma como nos relacionamos com o mundo, com o outro e com nós mesmos, muito disso decorrente de um processo de fragmentação das estruturas sociais e da incerteza em relação ao mundo. Hall (2006, p. 7), sobre isso, afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”, para o qual não há nada na sociedade que lhe possa mais dar significado. Economia, política, religião, cultura, não são tidos como caminhos lineares, mas versões possíveis em meio a tantas outras onde o homem está exposto à própria sorte.

Concomitante a isso, o aprimoramento técnico e o desenvolvimento de modos mais eficientes de comunicação e de transporte nas últimas décadas tornaram indiferentes quaisquer limitações geográficas e culturais preexistentes, alterando a nossa percepção da realidade e a

maneira que a vivemos, sendo esse um dos aspectos mais evidentes da globalização que, paralelamente aos novos arranjos sociais estabelecidos pelo capital, criam uma nova modalidade do consumo de mercadorias que agora já não se limitariam a um ente físico, circunscrevendo também uma grande variedade de informações, valores, identidades e opiniões.

De fato, com a popularização da internet e a consequente evolução dos recursos tecnológicos que facilitam o seu acesso, hoje é possível consumir uma variedade de estímulos, numa dimensão e velocidade sem precedentes. Nisso, porém, há um ônus: toda essa oferta de informação, além de tornar toda informação ali disponível em algo essencialmente efêmero, também origina segundo Bauman (2008,) um processo inédito de individualização, já que, em meio a tanta oferta em um mundo sem referenciais prévios, somos também estimulados a consumir determinados estilos de vida e comportamentos. Dessa forma a identidade individual moderna passaria a se constituir através do consumo, no qual aquilo que consumimos mistura-se, enquanto condicionante, ao quem somos nós.

A própria internet promove a integração de diferentes indivíduos em novos formatos e espaços de socialização, comumente referidos como *redes sociais*, que fortaleceram ainda mais essa propagação de informações. Nesse aspecto, Bauman também nos fala acerca da produção de uma necessidade, por parte das pessoas, quanto a se exporem intimamente em ambientes públicos, tornando esse ato uma espécie de dever público⁸, já que os próprios usuários, dentro da dinâmica desse formato de comunicação, são estimulados, tanto a consumir quanto a criar e a divulgar, os mais variados conteúdos.

Em termos biológicos, os seres humanos naturalmente formam grupos, dado que essa característica evolutiva permitia obter mais sucesso, tanta na caça, quanto na proteção de seus membros, isso garantindo assim melhor chance de sobrevivência dos indivíduos. Essa estrutura se mantém na modernidade, embora em formato culturalmente mais sofisticado. Ou seja, as redes sociais, como qualquer outro arranjo grupal, são constituídas por membros que interagem entre si, derivando, a concepção original do termo, do trabalho do antropólogo britânico John Arundel Barnes, ao estudar os vínculos sociais em uma vila de pescadores na Noruega. Barnes (1954) utiliza o conceito de *redes sociais* para descrever relações sociais que não seriam constituídas por unidades tradicionais, como grupos familiares ou de trabalho. Esse tipo de relação, na perspectiva do autor, oferece suporte e apoio socioafetivo aos sujeitos nela inseridos, também exercendo influência social sobre os membros, a fim de garantir a manutenção dessas

⁸ Ibid. 9

relações. Essa noção ilustra bastante claramente o modo como os grupos funcionam *online*: embora não estejam fisicamente agrupados, há um senso coletivo de unidade, dita real, que permeia os seus membros, situados em espaço virtual.

De acordo com Lévy (2010), o mundo virtual não é algo desconectado do espaço físico, de modo que podemos enxergar o *mundo virtual* como uma realidade transversal que influencia aquilo que chamamos de *mundo real*, no qual os limites que separam essas realidades poderiam ser encarados como meramente subjetivos. A delimitação do que é real ou virtual nas relações de hoje é ambígua, pois ela coexiste entre o *online* e *offline*. Dados disponibilizados pela plataforma *We Are Social* (2020) trazem indicativos que existem mais de 4,5 bilhões de pessoas com acesso à internet hoje, dentre as quais 3,8 bilhões fazem uso de redes sociais. Além disso, esses usuários passam por volta de 6 horas e 43 minutos conectados, o que corresponde a mais de 100 dias por ano, tornando evidente o lugar que o virtual ocupa na contemporaneidade. Nesse cenário talvez sejam os *memes* um dos exemplos mais proeminentes de como a internet tem alterado a nossa percepção do cômico e a forma como interagimos com os outros.

O termo *meme*, é anterior à internet e remete ao termo grego *Mineme* (imitação), empregado pelo cientista britânico Richard Dawkins que, em 1976, usou a ideia para se referir a um ente cultural que seria o paralelo social da função biológica dos genes. Nesse sentido, se adotamos, para os genes, a representação de partículas que, em certas condições, são capazes de replicar informações e constituir a base do processo evolutivo, por outro lado o termo *meme*, de acordo com Dawkins (2007), refere-se à ideia de unidade de transmissão cultural que se dissemina pela sociedade através de um processo de imitação que replica e fundamenta tudo aquilo que forma uma cultura ou como ela se expressa.

Brodie (2009) concebe o *meme* como a chave para a compreensão do comportamento humano, em suas mais variadas manifestações. Dessa forma, tanto a religião, quanto a política, a literatura, a arte poderiam ser classificadas como *memes*. Porém, com o avanço da *cibercultura*, o termo em si passou a ser relacionado a expressões que podem ser tanto cômicas quanto críticas, baseadas em mídias audiovisuais que podem envolver os mais variados fatos, situações e eventos presentes à realidade dos usuários. Essa transição conceitual ocorreu devido à facilidade e velocidade da propagação das informações no mundo virtual que, aliada ao espaço coletivo das redes sociais, o que permite a qualquer usuário gerar novos *memes* ou conteúdos que estimulem novos comportamentos e percepções sobre e para os demais indivíduos nela conectados.

Além disso, o virtual também desenvolveu narrativas e expressões próprias que dão notoriedade às próprias pautas ou pondo em destaque outras, não seguindo nenhum tipo de

agenda midiática, pois, mesmo em questões polêmicas, a mídia, que historicamente detinha o papel de formadora de opiniões, não possui mais a palavra final. Na internet, através das redes sociais e fóruns, qualquer pauta ganha voz própria, vez que ali pensamentos, crenças, emoções e pontos de vista podem ser discutidos e partilhados, muito disso graças à linguagem informal e cômica característica da complexa produção simbólica no ciberespaço.

5. ENTRE O SENTIDO E A IRRESPONSABILIDADE DO HUMOR

O humor e o cômico são aspectos complexos do ser humano, muito disso devido ao seu componente subjetivo e também porque o humor não é um fenômeno acabado e universal, suas interpretações, temáticas e desdobramentos variam de acordo com a cultura e a situação histórica e, com o advento da era moderna, essa manifestação cultural não se mostra diferente. Acerca disso, Frankl (2017, p. 88) afirma que “Se o ser humano quiser subsistir ante essa enxurrada de estímulos trazida pelos meios de comunicação de massa, ele precisa saber o que é e o que não é importante, o que é e o que não é essencial, em uma palavra o que tem sentido e o que não tem”. Mas, e quanto ao formato que o humor atualmente assume, ele ainda tem sentido?

Da mesma forma que a era pós-moderna se encontra sem parâmetros pré-estabelecidos, os memes enquanto expressão semiótica do cômico na modernidade, também não possuem regras objetivas ou estruturas definidas. A sua função básica seria ser compreendido, consumido e partilhado no tempo mais hábil possível, sendo constantemente reciclado e reutilizado para novos contextos e situações, nos quais possam fomentar novas identificações por parte dos usuários/consumidores. Não tendo forma fixa, os memes podem assumir qualquer uma, sejam vídeos, imagens ou mesmo prints⁹ de uma conversa. Seu conteúdo pode ir além dos parâmetros das três teorias citadas anteriormente, a teoria da incongruência, do alívio e da superioridade, dependendo do intuito do criador, embora, adotando-se as três propostas, talvez possamos compor um ponto de referência importante para intentarmos a análise de um meme¹⁰ retirado do *twitter* que são caracterizados em geral por comentários curtos que, estando ou não associados a uma imagem, podem se disseminar rapidamente por outras redes sociais por tratar-

⁹ Imagem capturada da tela de algum dispositivo tecnológico e do conteúdo nela mostrado.

¹⁰ O meme é aqui tomado apenas como exemplo de e para análise, vez que, diante da diversidade de memes, duas possibilidades: ou catalogamos e serializamos os diversos tipos de meme, propondo, para cada tipologia, uma análise geral; ou faríamos uma análise singular, para cada meme existente no mundo virtual, ambas as possibilidades escapando aos limites do presente trabalho)

se de releituras de experiências e questionamentos que são comuns a todos os seus usuários, exemplo disso temos a imagem abaixo:



Apesar do caráter cômico advindo da comparação entre legenda e a foto, que poderíamos associar a teoria da incongruência, o meme em questão remonta ao enfrentamento pessoal de um destino inevitável, no caso, o futuro, que estaria diretamente correlacionado a uma atitude pessoal diante dele. A aparente angústia, representada no meme, remete a responsabilização única e intransferível que cada indivíduo tem perante o próprio futuro, que depende das escolhas conscientes que fazemos, na qualidade humana de ser-livre-e-ser responsável como o explanado por Frankl (1978). A imagem, no entanto, retrata uma postura fatalista em relação a esse futuro, pois indica que a partir do momento que a vida faz esse questionamento ele pode ser assumido como um cenário inelutável onde ocorre uma fuga da responsabilidade. Embora tais questionamentos nos mostrem como determinados memes trazem consigo uma concepção valorativa de mundo, Frankl (2011) ainda nos coloca que “até os aspectos trágicos e negativos da vida, como, por exemplo, o sofrimento inevitável, podem tornar-se conquistas humanas, por meio da atitude que o indivíduo adota sob tais circunstâncias”. Nesse sentido, perceber de forma bem-humorada aspectos potencialmente trágicos da existência, pode levar a não-aceitação desse futuro, tal qual seria imposto pelo Destino ou pelo Acaso, possibilitando um distanciamento desses condicionantes e uma assunção da própria existência como singular, individual, pessoal.

Mas, e quando determinados memes escapam à esfera do “sorrir com”, adentrando o espaço do “rir de”? Sobre isso necessário trazer à discussão que, em relação aos aspectos da teoria da superioridade, memes também funcionam como um recurso para enfatizar as percepções de um grupo em relação a outro. Myers (2014, p. 260) nos fala que os indivíduos se

avaliam, em parte, segundo a sua participação em grupos, uma vez que “na falta de uma identidade pessoal positiva, as pessoas buscam autoestima, identificando-se com um grupo”. Essa interpretação é reiterada por Maslow (1991) que indica a existência de uma necessidade humana de pertencimento, graças ao qual nós podemos conectar com outros indivíduos, isso se mostrando um importante indicativo de saúde mental, por fomentar, em uma pessoa, sentimento de aceitação e competência. Frankl (2016, p.152), nos indica que “o sentido da personalidade humana é sempre orientado e referido à comunidade”. Nesses termos o autor elenca que a existência individual de um sujeito faz referência aos indivíduos à sua volta, na medida em que o caráter de algo único inerente a cada ser humano se manifesta a partir do que aquele indivíduo significa diante de um todo. Ou seja, direcionado a algo além de si, o indivíduo estaria aberto à transcendência. Porém, se levarmos em conta essa premissa para as relações virtuais, não há, de fato, algo que poderia ser circunscrito enquanto uma comunidade, mas, sim, algo próximo ao que o autor chama de *massa*, na qual “desaparece o sentido da existência única e individual de cada homem”. No mundo virtual, em meio à facilidade, tanto do anonimato, quanto do encontro de outros com crenças semelhantes, formam-se grupos específicos que podem pôr em pauta qualquer ponto de vista, mesmo que ele incite percepções negativas direcionadas a outros indivíduos.

Partindo disso, em meio a todo um ideal de modernidade e progresso, a internet se desenvolve junto a uma ampla produção de pautas anticientíficas, contra determinados segmentos sociais e posicionamentos políticos, mesmo que isso seja amplamente criticado por indivíduos e grupos ideologicamente contrários. Essas críticas são facilmente sintetizadas em memes, devido à maneira com que sua plasticidade simbólica facilita a transmissão de uma concepção de mundo. Utilizado dessa forma, o humor frequentemente é usado em tom de deboche que pode acabar fortalecendo a identidade grupal dos membros contra os quais ele é direcionado, fomentando crenças ainda mais arraigadas. Sobre isso, Myers (2014, p. 261) nos diz que “quanto mais importante for a nossa identidade social e mais fortemente nos sentirmos ligados a um grupo, mais reagimos de modo preconceituoso a ameaças de outro grupo”. Dessa forma, ao se situar numa linha tênue entre a comicidade e o deboche, a depender das crenças dos emissores e destinatários, um meme pode estimular atitudes agressivas que nem de longe remetem à concepção positiva que geralmente se associa ao humor.

Além disso, ainda que a produção de memes permita que uma dada mensagem seja facilmente divulgada, determinadas pautas, ao serem apreendidas por um público leigo, facilmente podem recorrer a uma descaracterização do seu significado original. Com o elevado número de novas informações que surgem a cada instante, Carr (2019) infere que a internet está

reconfigurando a mente humana, alterando a forma de pensar e de reter conhecimento, além de estar fragmentando a atenção, o que dificulta a busca de uma interpretação mais profunda, antes do ato de consumir/compartilhar algo novo, tanto que Gabelkov *et al.* (2016) aponta que 59% dos *links* compartilhados em redes sociais não são abertos pelos usuários, ou seja, por mais que exista um engajamento numa pauta, eles acabam sendo superficiais.

Um dos exemplos mais proeminentes disso é o como e o quanto os transtornos mentais têm sido capturados e reinterpretados de maneira equivocada pelas redes sociais. Afecções como depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, entre outras, têm sido encaradas de maneira imprecisa, em páginas e perfis que se “especializam” nesse tipo de conteúdo. Em redes sociais como o *Tumblr*, por exemplo, inúmeras postagens compartilhadas por seus usuários, em sua maioria adolescentes, retratam a depressão, a automutilação e distúrbios alimentares de maneira idealizada. Essa interação *online*, de acordo com Whilock *et al.* (2006), possui aspectos positivos e negativos, no que se refere à automutilação: dito de outra forma, mesmo que seja possível, para alguns jovens, encontrar algum tipo de apoio nesse espaço, o autor argumenta que as postagens e mensagens veiculadas tendem também a “normalizar” as autoagressões.

Eventos como esse mostram que as representações dos transtornos mentais advindas das redes sociais, em especial, as humorísticas, mostram-se extremamente complexas em sua análise de produção, consumo e compartilhamento. Dados da plataforma *Our World in Data* (2020), que monitora a qualidade de vida ao redor do mundo, indicaram que, em 2017, cerca de 10,7% da população mundial, ou 792 milhões de pessoas, convivem com algum transtorno mental. Nesse ponto, uma mensagem virtual, através de um tom bem humorado, pode vir a facilitar a dissolução do estigma que essas temáticas historicamente possuem, além disso compartilhar essas vivências permitem a criação de um senso de unidade e pertencimento entre os usuários que sofrem, promovendo assim uma atitude voltada para um outro, embora, por outro lado, a depender de seu conteúdo e forma de exposição, possa fomentar o preconceito.

Em relação aos memes, um estudo de Akran *et al.* (2020) encontrou uma tendência entre os indivíduos que apresentam sintomas de depressão de perceberem memes depressivos como significativamente mais humorísticos e compartilháveis, inclusive encarados por esses mesmos indivíduos como tendo potencial para melhorar o humor de outras pessoas deprimidas. Esse fato ocorre, segundo os autores, devido a alterações no processamento cognitivo do humor nos indivíduos com depressão, na medida em que estes perceberiam diferentes estímulos de maneira congruente com o transtorno. Nesse sentido, Perchtold (2019) aponta que memes depressivos podem auxiliar uma reavaliação cognitiva acerca do transtorno, já que poderiam

ajudar uma pessoa deprimida a perceber-se de maneira diferente, quando, interpretando um evento negativo pela via do “poderia ser pior”, descobre, em tais eventos, a possibilidade, senão da alegria, pelo menos da não-infelicidade, derivada da daquilo que Frankl (2011) caracterizou como capacidade de autodistanciamento diante da inevitabilidade do sofrimento.

Ainda assim, esse tipo de humor, desenvolvido através dessa abordagem, pode recair numa percepção fatalista da condição, pois, num cenário onde a cura ou libertação das amarras subjetivas e psicológicas das doenças mentais fosse possível, essas piadas perderiam a graça. Isso demonstra que o humor, nesses casos, está condicionado a uma percepção negativa por aqueles que os consomem. Acerca do fatalismo, Frankl (1978) aponta que a atitude fatalista se caracteriza pela negação do ser livre e ser responsável, característicos da condição humana, quando a crença que algo já está predeterminado inibe a tomada de posição diante de um destino que, mesmo condicionante não é determinante.

Esse caráter ambíguo da contribuição dos memes reside no fato de que, ao mesmo tempo que memes relativos à depressão talvez possam realmente a ajudar indivíduos por ela acometidos, por outro lado, pessoas não necessariamente deprimidas podem assim se sentir, expostas a tais conteúdos. Isso foi apontado por Bach e Wenz (2020), no tocante à facilidade com a qual indivíduos podem buscar na internet dados sobre seus estados de saúde, sintomas e possíveis diagnósticos, com destaque à saúde mental, isso levando a autodiagnósticos errados, os quais podem contribuir para que informações imprecisas sejam partilhadas e apreendidas por pessoas que, dessa forma, fazem uma interpretação equivocada do que seria o transtorno em si - além disso, o humor produzido através dessa abordagem pode implicar numa percepção fatalista da condição em que se encontram, fatalismo esse que, para Frankl (1978), como citado linhas atrás, pode ser condicionante, mas não determinante, manifestando-se, nessa negação do ser responsável do homem, o niilismo.

Niilismo, bem entendido, é a ausência de fundamento metafísico para a existência. Lipovestky (2005, p. 112), porém, fala-nos de um novo tipo de atitude niilista “A descrença pós-moderna, o neoniilismo que toma corpo não é nem ateu nem mortífero: é a partir de agora humorístico”. Se o niilismo desfalece o homem através da indiferença, entendida por Frankl (2011) como originada do vazio existencial, o neoniilismo, seria, então, a evolução do termo, descrevendo uma indiferença generalizada apreensível pelo ou através do humor. Se historicamente o cômico se voltava para temas específicos, hoje ele se mostra ambíguo, um subproduto de uma cultura advinda da perda de referências. O cômico não possui alvos ou objetivos, sendo direcionado a tudo e a todos, mesmo que isso se assemelhe à atitude de Aristófanes, para o qual nada deveria ser imune ao riso. Evidentemente, essa ausência de

critérios, na modernidade, inclusive quanto ao humor, tem implicações tanto positivas quanto negativas: ao mesmo tempo em que ele pode facilitar reinterpretções de vivências trágicas, como deseja Frankl (2012) quanto ao “ser responsável” do homem, pode, também, reiterar concepções negativas quanto ao fatalismo.

Encarar o uso humor como indevido ou não, antes de adentrar em pautas relativas à liberdade de expressão, significa atentar ao que seria objetivado e ao sentido empregado do conteúdo humorístico em si. Nesse aspecto, a crítica humorística da sociedade, para Lipovetsky (2005), poderia ser interpretada como a perda do outro enquanto objeto intencional, o que tornaria o humor vazio, declinado a uma mera provocação ou que legitima as estruturas e discursos de poder. Se o humor não é neutro, já que historicamente ele deteve as mais variadas aplicações, tampouco os memes o são, pois, independentemente do formato e mensagem transmitida, eles expressam posições políticas, ideológicas e visões de mundo.

Isso posto, na análise das formas de expressão do humor há que se ser imparcial, não se permitindo que seja influenciada por ideologias relativas ao “contra” ou “a favor” – o que remete diretamente à consciência humana ou, melhor dizendo, à transcendência da consciência, uma vez considerando-se o que Frankl (2017, p. 49) afirma: “somente o caráter transcendente da consciência faz com que possamos compreender o ser humano, e especialmente sua personalidade, num sentido mais profundo” – tal como indagamos por que rimos, onde rimos, com quem rimos ou de que rimos, considerando que o ser humano é o animal que ri. E isto é questão de suma importância: o humor, além de ser meio de e para socialização, é também mecanismo psíquico capaz de promover o autodistanciamento, produzindo redimensionamento do sofrimento pessoal, ao passo que, através do riso compartilhado, direciona-nos para fora, para o outro, para o encontro existencial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antecipando que, por um lado, a maior dificuldade, na elaboração deste ensaio, configurou-se na diversidade de temáticas com as quais se apresentam os memes, para eles ainda não havendo sido criada uma taxonomia, nem proposta uma tipologia o que, de resto, foge ao escopo do presente estudo, por outro sublinhando a necessidade de ampliação da análise aqui apresentada, destacamos que, embora a expressão do humor seja historicamente condicionada às narrativas de uma época, o humor, em si mesmo, mostra-se algo essencialmente humano e inerente a cada sujeito singular, permeando a nossa atuação no

mundo, frente a nós mesmos e defronte do outro, configurando-se como expressão da dimensão espiritual, como deseja Frankl (2011).

Na modernidade, em meio às relações virtuais, o humor adquire novos contornos e se manifesta em meio a categorias líquidas, na qual não há mais um parâmetro ou um objetivo a ser alcançado, direcionando-se a tudo e a todos em igual intensidade. Nesse sentido, os memes se mostram um importante veículo de transmissão desses conteúdos. Porém, vitimizados pelo próprio alcance e pela velocidade de compartilhamento, certas temáticas são usadas de maneira equivocada, reafirmando posições negativas, tornando o humor potencialmente voltado para a provocação e o puro escárnio, perdendo assim o seu caráter social construtivo, mesmo pela via da crítica à sociedade e não às pessoas. Isso, evidentemente, não deve reiterar o discurso da necessidade de limites para o humor e/ou para a liberdade de expressão, mas convocando-nos a responder qual seria o seu papel no exercício de uma liberdade responsável para si, com e pelo outro, sobretudo considerando-se a necessidade da ironia a ser aplicada contra uma sociedade desumana – para a qual o humor não queira, não possa e não deva contribuir, mesmo configurando-se como uma “sociedade humorística”, no dizer de Lipovetsky (2005).

7. REFERÊNCIAS

- AKRAM, U. *et al.* “Exploratory study on the role of emotion regulation in perceived valence, humour, and beneficial use of depressive internet memes in depression”, in **Scientific Reports**, 10(1), 2020
- ARISTÓTELES. “Ética a Nicômaco; Poética”. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Col. **Os Pensadores**.
- BACH, R. L., & WENZ, A. “Studying health-related internet and mobile device use using web logs and smartphone records”, in **PLOS ONE**, 15(6), 1–21. 2020.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BARNES, J. A. “Class and Committees in a Norwegian Island Parish”, in **Human Relations**, 7(1), 39–58, 1954
- CARR, N. **A Geração superficial**. Rio de Janeiro, Agir: 2019
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Companhia das Letras. São Paulo, 2007
- FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978

_____. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia.** São Paulo, Paulus, 2011

_____. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial.** 6 ed. São Paulo: Quadrante, 2016

_____. **A presença ignorada de Deus** 18ª ed. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2017

FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Obras Completas volume 7

GEIR, M. **Do que riem as pessoas inteligentes: uma pequena filosofia do humor.** Rio de Janeiro: Record, 2011

GRUNER, C. R. “The game of humor: a comprehensive theory of why we laugh”, in **New Brunswick, NJ: Transaction.**1997

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBS, T. **Leviatã: matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil.** 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.

JERÓNIMO, N. A. **Humor na sociedade contemporânea.** 2015. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015. (Tese de Doutorado em Sociologia – Ciências Sociais e Humanas).

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPOVESTSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.** Editora Manole: Barueri, 2005

KANT, I. **Crítica da faculdade de julgar.** Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016

GABIELKOV, M. et al. Social clicks: what and who gets read on Twitter? **ACM SIGMETRICS / IFIP Performance**, Antibes Juan-les-Pins, France. Jun 2016

MARTIN, R. **The psychology of humor: an integrative approach.** San Diego: Elsevier Academic Press, 2007

MASLOW, A. **Motivacion y personalidad.** Ediciones Díaz de Santos, Madrid, 1991

MINOIS, G. **A história do riso e do escárnio.** São Paulo: Editora UNESP, 2003

MYERS. D. **Psicologia social.** 10ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2014

ORTIZ, E. M. **Manual de psicoterapia com enfoque logoterapêutico.** Bogotá: Manual Moderno, 2013

OUR WORLD IN DATA. “Life expectancy”. Disponível em: <https://ourworldindata.org/> acesso em 21 de nov. de 2020

PERLMUTTER, D. D. “Tracing the origin of humor”, in **Humor: International Journal of Humor Research**, n. 13, p. 457-468, 2000

PERCHTOLD, C. M. *et al.* “Humorous cognitive reappraisal: More benign humour and less “dark” humour is affiliated with more adaptive cognitive reappraisal strategies”, *in PLOS ONE*, 14(1), 2019

PINTOS, C. G. “Sentido del humor, terapéutica para la vida”, *in*: VALIENTE, S. S. (Org) **Logoterapia em acción: aplicaciones prácticas**. Buenos Aires: San Pablo, 2009

PLATÃO. **A república**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018

SALIBA, E. T. “História cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas”, *in Revista História da USP*, São Paulo, n. 176, p. 1-39, 2017.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

WE ARE SOCIAL. Digital 2020: “**Global digital overview**”. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020> . Acesso em 10 de nov. de 2020.

Whitlock, J.L. *et al.* “Self-injurious behaviors in a college population”, *in Pediatrics*, 111 (6), p. 1939-1948, 2006